

Apresentação

Ana Elizabeth Cavalcanti

Foi com enorme satisfação que no ano passado participei da VIII Jornada de Psicanálise do GPAL, intitulada *As novas configurações do sofrimento psíquico na atualidade*. Os textos então apresentados estão agora publicados neste número da revista Tópica, que, com igual satisfação, aceitei o convite para apresentar.

As novas configurações do sofrimento psíquico na atualidade nos levam a indagar acerca da pertinência da psicanálise para descrevê-lo e dele se ocupar no contexto de nossa cultura. Isso porque o cenário em que foi gestada, a Europa do final do século XIX e início do XX, onde as famosas histéricas de Charcot e Freud viveram seus dramas existenciais, pouco ou nada tem a ver com o nosso, onde somos interpelados pelos aditivos, deprimidos, melancólicos e “panicados”. Por toda essa gente que desenha um novo quadro do sofrimento psíquico na atualidade, para os quais o corpo tornou-se o referente da construção de ideais e o sofrimento configura-se e se expressa sob a forma de um vazio existencial e da ausência de sentido para a vida.

Sabemos que hoje a psicanálise está em cheque. Talvez jamais tenha sido alvo de tantos ataques. Mas o certo é que nesses tempos em que ganha força na cultura, uma visão biologizante do homem que tenta reduzi-lo ao funcionamento de neurônios e secreções químicas; em que a singularidade é solapada pela generalização e universalidade simplista dos diagnósticos da moda (depressão, síndrome de pânico, TOC, TDAH...); em que um ideal de normalização produz a figura do homem previsível e comportado em detrimento do homem da ação, livre e imprevisível, a psicanálise, como diz a psicanalista francesa Elizabeth Roudinesco, parece uma vitória da civilização contra a barbárie. A psicanálise afirma a ideia de que o homem é livre e se singulariza pelo seu discurso e pelas suas ações, contrariando a ideia da biologia como destino.

Aí reside, a meu ver, a atualidade da psicanálise e é aí que ela se inscreve no campo dos saberes como um discurso subversivo de resistência ao apagamento da subjetividade, à vitória da massificação sobre a singularidade, da norma sobre a liberdade, enfim, do cientificismo sobre a ética. Nessa perspectiva, a prática da

psicanálise, longe de ser apenas uma questão clínica, torna-se uma questão política. E nesse sentido o que realmente importa não é a defesa do aparelho conceitual nem a fidelidade à metapsicologia freudiana. A verdadeira contribuição da psicanálise no contexto da contemporaneidade é possibilitar a reedição da experiência freudiana de colocar em questão o instituído e criar narrativas que permitam positivar os mais diversos modos de existência. Foi esse o espírito que orientou Freud em suas pesquisas e, se hoje a psicanálise perdeu um tanto de seu vigor subversivo, cabe a nós, psicanalistas, reencontrá-lo, conferindo-lhe uma atualidade e disponibilizando-a como uma boa ferramenta para compreender e acolher o sofrimento humano em sua diversidade e indeterminação radical.

É esse compromisso com a ética psicanalítica que parece mover a equipe do GPAL. E é esse compromisso que é afirmado com a realização das jornadas e a publicação da revista *Tópica* a cada dois anos. A atualidade dos temas dos artigos e sua ancoragem numa consistente prática clínica, não deixam dúvida sobre a opção dessa equipe por um exercício da psicanálise que a revigora e a mantenha viva e útil para abordar o sofrimento humano, em suas mais singulares manifestações.

Recife, 13 de setembro de 2011